

AS VÁRIAS FORMAS DE CONHECIMENTO¹

1. O senso comum

O que significa senso comum? Qual sua utilidade na vida cotidiana?

O senso comum resulta da observação comum e ocasional das ocorrências quotidianas. Trata-se da maneira universalmente usada para lidar com os fenômenos que nos cercam. Baseia-se no conhecimento sensitivo ou sensível comum aos animais superiores e portanto apenas genericamente humano. O conhecimento sensível é a base de tudo o que aprendemos a respeito do universo e serve instrumentalmente à inteligência, mas, freqüentemente, nos prega peças. É chamado também de conhecimento popular, pré-científico, vulgar ou empírico. Segundo Bazarian (1981), trata-se do conhecimento ametódico, isolado, casual, superficial, adquirido em nossa atividade quotidiana. É o saber do ser humano comum que se limita às noções correntes e superficiais sobre as coisas sem se preocupar com as conexões causais que há entre os fenômenos. É um conhecimento vago que só constata os fatos sem procurar explicá-los a partir da análise de suas causas reais e naturais (Bazarian, p. 20).

O conhecimento começa pelos sentidos. O tato fornece as primeiras sensações que se transformam em percepções, idéias, conceitos e juízos de valor. O conhecimento cinestésico situa-nos no mundo: mostra-nos o entorno. Estabelecemos relações a partir das sensações que os sentidos nos comunicam. A imagem tem uma dimensão sensorial: toca, localiza e situa. Permite o conhecimento experiencial, direto e imediato, que foi esquecido pela cultura linear. A criança gesticula muito mais que o adulto, seu corpo se move, balança, gira. Usa seu corpo como instrumento de uma linguagem sensorial, concreta e intuitiva. Entretanto, nem sempre o que captamos pelos sentidos corresponde à realidade ontológica dos objetos que nos cercam.

Na esteira do senso comum, grande parte da humanidade afirmou que a Terra é imóvel, em forma de concha, apoiada sobre elefantes e localizada no centro do universo. Muita gente acredita que a água do oceano é verde ou azul; entretanto, ela é tão incolor na sua imensidade quanto se a observarmos em um copo d'água ou na palma da mão. O mesmo ocorre quando assistimos a um filme na TV ou no cinema: somos levados a acreditar que estamos vendo o movimento real dos atores quando, na realidade, vemos a projeção rápida de uma série de imagens (espécie de fotos) paradas. Afirmamos que o Sol nasce no Leste e se põe no Oeste, como se ele se movimentasse em volta da Terra. Ao atirar pedras em um lago, alguém poderia concluir que a água se movimenta do centro para a periferia; ao colocarmos um bastão na água, ele nos parece quebrado.

O senso comum não nos levaria a afirmar que o Sol é uma estrela de quinta grandeza ou que a Lua não possui luz própria. E assim como estes exemplos, a economia da vida quotidiana impele-nos a manter os equívocos da linguagem empírica: ninguém toma banho ou prepara alimentos na H₂O. Em outras palavras, o nosso contato quotidiano com a realidade não é científico. O conhecimento pré-científico é não explicativo: ignora a natureza dos fenômenos, as leis e causas complexas. É um conhecimento obscuro.

Espelhando a experiência imediata, o conhecimento sensorial solicita respostas rápidas, soluções, muitas vezes fruto da emoção pré-científica, dispensando análises profundas. Assim, torna-se difícil sair do previsto, do preestabelecido, porque as experiências se

¹¹ Referência:

OLIVEIRA, J.C.A. Saber pensar e aprender. In: TOMELIN, H.; GOMES FILHO, J. (orgs.) Educação – gestão do conhecimento e aprendizagem. Belo Horizonte: UNA Editora, 2001. p. 81 – 128.

repetem, transferindo-se de geração a geração, caminhando mais na linha da repetição que da recriação.

Os seres irracionais parecem viver nos limites da percepção sensível. Sua percepção é fragmentada, fruto de condicionamento de reflexos. Eles conhecem mas não sabem que conhecem, ignoram o próprio conhecimento. Os humanos, entretanto, querem desvendar o que se esconde sob as aparências sensíveis. Por isso, há outros modos de perceber e interpretar a realidade como veremos a seguir.

2. O conhecimento mítico

O que significa mito?

Mythos significa palavra falada, emocionada, revelação. Costuma-se contrastar mito com *Logos*. O termo mitologia pressupõe este enigma. *Logos* também significa palavra, mas palavra refletida, distanciada da emoção, manifestação de racionalidade; possibilidade de conhecimento metódico e sistemático da realidade. Ora, se pensamos no *Logos* como possibilidade de certeza, resta ao mito a ilusão, a fábula, o engano. Esta posição é comum mas falsa. O mito é, também, manifestação do *Logos*. É o primeiro momento (como diziam os gregos, ARCHÉ = origem, princípio, antigüidade) da consciência humana. Mito é uma forma de entender o mundo e situar-se nele. Surge para afugentar o medo que o ser humano sente face ao desconhecido. Assim, são elaboradas histórias fantasiosas aceitas como verdadeiras, sem contestação. Mito é uma forma de dar significado ao mundo. É a criação de histórias que tranquilizam, dão exemplo e guiam o dia-a-dia. Vejamos um exemplo entre nossos índios:

Uma tribo distante habitava um lugar onde só existia o dia, a luz do sol. Lá, jamais anoitecia. Então, a deusa da Terra ordenou que alguns índios transportassem um coco para dentro da floresta e o enterrassem lá. Antes, porém, ela os advertiu que, ouvissem o que ouvissem, não abrissem a fruta. Assim foram para o interior da floresta. De repente, começaram a ouvir sons desconhecidos. Ficaram intrigados. Resolveram quebrar o coco para ver o que transportavam. Para seu desespero, de lá de dentro saíram a escuridão, a Lua, as estrelas e animais ferozes que nunca haviam visto. Envergonhados, procuraram a deusa, que ficou furiosa pela desobediência. Como castigo, passaram a viver na escuridão da noite. Após algum tempo, a deusa apiedou-se deles. Vendo a tristeza e escutando as lamúrias decidiu que, a partir daquele momento, eles teriam alternadamente o dia e a noite. Nunca mais teriam só a claridade do dia e nem apenas a escuridão da noite. Teriam os dois. E assim viveram para sempre. Esta foi a forma que alguns índios usaram para entender porque existe dia e noite. A humanidade sempre se serviu de mitos para explicar fenômenos que estão além da compreensão racional.

O que não é explicado intriga e causa medo. Mitos são histórias criadas para explicar situações complexas. O pensamento mítico surgiu inicialmente em épocas e culturas primitivas. O ser humano começa a interpretar o mundo por intermédio de explicações mágicas para os fenômenos naturais observados. Essas histórias, freqüentemente, falam de deuses com características humanas – como no caso dos gregos – e que, por descuido, necessidade ou castigo, traziam para os mortais estados de ânimo e sentimentos que os humanos teriam que suportar ou desfrutar.

O mito grego de Jasão e Medeia conta que Jasão foi educado pelo centauro Chirão, simbolizando a vida, a infância, a força e a promessa da natureza. Mas o destino implacável fez com que Jasão fosse depositado por Pelias. Ajudado por Medeia, conquistou o

velo de ouro na Colcida e casou-se com ela. Mas, para agradar a Sísifo, casou-se novamente com sua filha Creusa, abandonando Medeia. Esta se vingou matando Sísifo, Creusa e degolando os filhos dela com Jasão. Este terminou a vida abandonado, vagando sem rumo. Segundo Buzzi (pp. 76-77), trata-se da perda do paraíso. Medeia simboliza a tragédia humana e a alienação do poder. Nesse contexto, o ser humano observa o mundo físico e espiritual como resultantes do capricho dos deuses que premiam ou punem. Também é amplamente conhecido o mito norueguês de Thor, o deus do trovão, que com seu martelo provocava chuva, fertilidade e garantia segurança (GAARDER, p. 35).

Não se costuma atribuir ao mito autores específicos. É como se ele surgisse magicamente das profundezas do inconsciente coletivo. O mito se propaga por responder a anseios culturais e possuir funções sociopolíticas. *Mythos* significa “palavra revelada, emocionada e falada”. É a narrativa de alguma forma de criação: relata como algo foi produzido, originado, como algo começou a existir. É a descrição de uma irrupção do sagrado (ELIADE, 1940). O mito é uma concepção do universo, um produto do espírito coletivo popular vivido como se fosse uma realidade ontológica. O mito natural provém da consideração ingênua e espontânea da natureza. O mito cultural é uma reflexão posterior: trata-se de uma fabricação mais sofisticada. Pode-se acrescentar que o mito desempenhou um papel indispensável nas civilizações primitivas pois exprimiu, enalteceu e codificou a crença: salvaguardou e impôs princípios éticos; garantiu a eficácia do ritual e ofereceu métodos pragmáticos para a orientação do ser humano, tornando-se, portanto, um ingrediente vital da civilização (...) o mito é uma verdadeira codificação da sabedoria prática (MALINOWSKI, 1972, p. 43).

A consciência mítica é acrítica, repetitiva e coletiva. O mito não possui um autor específico: nasce das profundezas do inconsciente coletivo, mas sempre se insere em determinado contexto histórico. Assim, não seria correto dizer, como alguns autores o fazem, que Platão escreveu o “Mito” da Caverna. Seria mais correto dizer que Platão escreveu a alegoria da caverna. Mito é uma estrutura vital que oferece àqueles que o vivenciam uma proposição radical da realidade significativa. A consciência mítica desconhece a totalidade; toma como um todo aspectos do real. Mas é primordial; sem ela não haveria as demais manifestações da razão.

Augusto Comte (1934), o criador da sociologia, afirmou que após ele não haveria mais necessidade de mito, e nem de conhecimento filosófico; ele pensava que a ciência positiva, baseada em fatos e observações empíricas, encontraria rapidamente respostas objetivas para todas as dúvidas que nos cercam. Assim todos os problemas da humanidade seriam resolvidos como por um passe de mágica. Haveria alimentação e habitação para todas as pessoas. Mas por um paradoxo existencial, ele próprio terminou sua vida no estágio mitológico que antes condenava.

O mito continua sempre vivo, apesar de existirem outras formas de conhecimento. Já Eliade Mircea fornece outra explicação: um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos inícios. Narra como, graças aos feitos dos Entes sobrenaturais, uma realidade veio à existência, seja a realidade total – o Kósmos – seja um fragmento apenas: uma ilha, uma espécie de animal, um humano, uma instituição. Portanto, trata-se sempre da narrativa de uma criação: retrata como alguma coisa foi produzida, como começou a ser.

Mitos descrevem maneiras, às vezes dramáticas, das irrupções do sagrado (ou do sobrenatural) no Mundo. É esta irrupção do sagrado que funda o Mundo e o faz tal qual é. Como consequência das intervenções dos Entes sobrenaturais, o homem é o que é no presente: um aspecto essencial do mito, como narração de acontecimentos primordiais. Tais acontecimentos instauram o mundo como produto de entes sobrenaturais; uma realidade veio à existência, seja a realidade total – o Kósmos – seja um fragmento apenas.

O relato é o constituído, o que começou a ser. Não podemos conceituas o mito como relato dos acontecimentos que narra. Este é um de seus aspectos mais importantes. Para a consciência mítica, o relato é o fato. Não há distância ou distinção entre os dois. O mito é a realidade e não uma fala a respeito da realidade.

O mito torna absolutos objetos que antes eram relativos. Por exemplo, quem se apaixona torna o objeto passional como único, definitivo. A propaganda torna-se verdadeira máquina mitificadora. Nossas instituições são mitificadas. Não se perceber mítico é uma das características da consciência mítica. O preconceituoso não se percebe, não se julga. Vemos, facilmente, os defeitos alheios e, dificilmente, os nossos. Analisar o mito não é trabalho exclusivo do antropólogo ou do filósofo. Todos seres humanos participam dele, pois o mito faz parte da estrutura da consciência humana. Para Merleau-Ponty, a consciência não é o lugar da certeza; mas sugere que não podemos estar certos todo o tempo. O ser mítico é generoso, voltado para a comunidade, para seus iguais. Mas, paradoxalmente, acaba fechando-se em si mesmo, cego pelo dogmatismo fundamentalista.

3. O conhecimento científico

O que significa ciência?

Gustave Flaubert dizia que, quanto mais os telescópios forem aperfeiçoados, mais estrelas surgirão. O ser humano sempre tentou entender e explicar as forças naturais que o cercam, e transformar o mundo. Nesse processo, a ciência de hoje pode ser o mito de amanhã. Desde Galileu Galilei (1564-1642), o método experimental foi aplicado ao estudo da natureza. Para ele, o objetivo da ciência consiste em descobrir as relações reais e constantes entre os fenômenos da natureza ou, em outros termos, descobrir as leis naturais que orquestram o funcionamento do cosmos.

Nosso conhecimento é subjetivo, imperfeito, cíclico, assistemático, carregado de preconceitos, mediado pela força da percepção seletiva e pela pressão dos paradigmas do tempo e do espaço em que habitamos – “Nós não conhecemos o tudo de nada.” (MARITAIN, 1935). Apenas formulamos hipóteses, teorias, que vão-se mudando com o tempo. Mas, apesar disto, somos movidos pelo desejo de tentar desvendar os enigmas do cosmos. É por isto que surgiram a filosofia e as ciências. O método científico é muito importante. Sem anzóis não há peixes. Mas o pescador, com um peixinho na mão, não pode acreditar que desvendou o mistério do oceano.

Albert Einstein observou que o ser humano vivencia a si mesmo como algo separado do universo – numa espécie de ilusão de ótica de sua consciência. Essa ilusão é uma espécie de prisão que nos restringe a nossos desejos pessoais, conceitos e ao afeto por pessoas mais próximas. Nossa principal tarefa é a de nos livrarmos dessa prisão, ampliando o nosso círculo de compaixão, para que ele abranja todos os seres vivos e toda a natureza em sua beleza. Ele afirma que ninguém conseguirá alcançar completamente esse objetivo, mas lutar pela sua realização já é, por si só, parte de nossa liberação e o alicerce de nossa segurança interior.

Já não se pensa em ciência a partir dos paradigmas positivistas do século XIX. A ciência, mais que um conjunto de verdades evidentes, demonstradas, é um modo de pensar (SAGAN, 1978) e descobrir. É um processo através do qual o ser humano compreende e transforma o universo em que é chamado a viver. É a vocação de tentar perceber os fenômenos e manipula-los de forma objetiva, racional, experimental, metódica, sistemática, porém “revisível, provisória, falsificável, fragmentada e testável” (POPPER, 1972). Para ele, o que faz uma proposição científica não é sua verdade ou falsidade mas sim o seu

conteúdo experimental. Por exemplo: 'a Terra gira em torno do Sol', 'o Sol gira em torno da Terra', 'o sangue não circula no corpo humano' e 'Vênus é habitada por seres inteligentes' são proposições científicas pois podem ser verificadas. Em outras palavras, não existe verdade científica, apenas proposições científicas.

Estas observações não desmerecem a pujança do trabalho científico; ao contrário, mostram o cuidado de perceber que sempre entendemos o mundo a partir de paradigmas incompletos, sujeitos ao aprimoramento. Ribeiro (1978) acrescenta que os cientistas trabalham com o óbvio, tirando os véus, desvelando e desvendando algumas obviedades para revelar outras mais óbvias ainda. Parecia óbvio que o Sol se levantava toda manhã e descansava a noite, que os pobres viviam dos ricos e que umas raças eram inferiores a outras. Estas noções foram defendidas pela ciência de ontem e abandonadas após pesquisas e observações contemporâneas.

O RACIONAL é o caminho mais usual para o conhecimento. A razão ajuda a hierarquizar, relacionar e seqüencializar dados que chegam de forma caótica, dispersa e ininteligível. O racional explica, contextualiza e aprofunda as dimensões sensoriais e intuitivas. Mas, sem elas, tornar-se-ia reducionista, simplificador e incompleto. O caminho para o conhecimento apóia-se na indução, na experiência concreta, vivida, sensorial e vai incorporando a intuição, o emocional e o racional.

4. O conhecimento filosófico

O que significa conhecimento filosófico?

O astrônomo estuda planetas, o botânico estuda plantas, mas o filósofo pode estudar tudo o que pode ser questionado. A crítica filosófica ajuda o pesquisador a construir argumentações a respeito do que ele se propõe a investigar. C. Drummond de Andrade costumava dizer que a Filosofia não consegue explicar o mundo, mas este não consegue suprimir a Filosofia.

Filosofia consiste em pensar sobre o pensamento. Ou, em outras palavras: pensar racional, criticamente e de modo sistemático sobre a natureza do mundo em geral (metafísica ou teoria da existência), a justificativa de crenças (epistemologia ou teoria do conhecimento) e a conduta de vida a adotar (ética ou teoria dos valores). Filosofar é compreender fenômenos que nos circundam e adquirir uma visão do Mundo.

Como surgiu a Filosofia?

A Filosofia surgiu da vontade de entender racionalmente a natureza, o mundo e seus problemas. Nasceu da reflexão sobre a vida. Filosofia é pensamento, indagação, é intrigar-se, perguntar a si mesmo, é querer saber. Marcou a passagem do pensamento mítico para o conhecimento racional. Os filósofos passaram a perceber a natureza, a vida e o ser humano com um novo olhar. A reflexão leva o ser humano a buscar o porquê das coisas. A palavra Filosofia, de origem grega, vem de philo e sophia. Philo significa amizade, amor e Sophia significa sabedoria. Filósofo é o amigo do saber, preza o conhecimento. Filosofia não é a posse da verdade, mas a busca dela.

Os primeiros filósofos

A Filosofia surgiu na Grécia, aproximadamente no século VI a.C., com Tales de Mileto, que buscou na physis (natureza) a explicação da origem do mundo, sem utilizar argumentos míticos. Para ele, a origem de tudo é a água. Os primeiros filósofos foram chamados de

físicos porque estudavam a natureza, a *physis*. Buscavam explicações físicas para o mundo em que vivemos. Foi a partir desta trilha que nasceram as ciências.

O conhecimento filosófico é racional, intelectual e abrangente: procura perceber o ser em sua totalidade. A Filosofia foi a primeira ciência. Não existe uma forma única de filosofar, mas trata-se de um exercício dos que se propõem a questionar as coisas à sua volta, tornando-se críticos em relação ao mundo. Ser crítico não significa negar ou afirmar, mas sim perguntar: por que isso é assim?

Parmênides foi o primeiro metafísico cujos argumentos chegaram até nós. Baseado nas razões fornecidas pelos famosos paradoxos de Zenão, concluiu que o mundo estava privado de movimento e ocupava a totalidade do espaço.

Platão escreveu sobre conhecimento, metafísica e ética. Para ele:

São filósofos os que podem perceber aquilo que é sempre invariável e imutável (...) Através de nossos olhos, participamos do espetáculo das estrelas, do Sol e da abóbada celeste. Este espetáculo nos incitou a estudar o universo inteiro. De lá nasce para nós a Filosofia, o mais precioso bem concedido pelos deuses à raça dos mortais.

(Platão, Teeteto, 155d)

O filósofo tenta perceber a natureza, a essência invisível que se esconde por trás do mundo das aparências sensíveis. Os filósofos ultrapassaram as formas de percepção do senso comum e do mito, tentaram penetrar o significado real das coisas. Entretanto, como Platão coloca em sua *Alegoria da Caverna*, isso não é simples: a luz incomoda a quem se acostumou a viver nas sombras. A inteligência humana tem dificuldade em perceber a luminosidade interior do objeto. Tende a confundir a casca das aparências com o ser.

5. O mundo das idéias

Vejamos, agora, como Platão imaginou o que seria a Realidade. No livro VII da República ele introduz sua Teoria da Idéias através da famosa Alegoria da Caverna. Platão escolheu, como sempre, Sócrates como seu porta voz e, nesse diálogo, Glauco como interlocutor e, provavelmente, inspirou-se no teatro de sombras que era feito nas cavernas gregas e criou a seguinte alegoria:

Imagine prisioneiros com pernas e pescoços acorrentados em uma grande caverna. Esse povo nascia e vivia ali, sem conhecer o mundo exterior, a não ser pelas sombras projetadas na parede da caverna. A caverna tinha uma abertura por onde se infiltrava a luz. Assim, passavam caravanas levando vasos e estátuas de animais feitas em madeira, pedra e outros materiais. Cada objeto, pessoa ou animal que se interpunha entre a luz e a caverna produzia uma sombra que era lançada na parede. Como esse povo estava preso ao fundo da caverna, para eles a realidade do mundo exterior é o que dele viam projetado em sua parede. Esse mundo não era um mundo de corpos concretos, sólidos; era um mundo sem cor. Sombras de animais, coisas e seres vivos eram realidade para eles, porque não conheciam nenhuma outra. Agora suponham que um dos membros desse povo venceu as dificuldades, desvencilhou-se dos grilhões que o prendiam e conseguiu sair da caverna. O que aconteceu? Ele começou a perceber, lentamente, que o mundo que via projetado na parede da caverna não era um mundo verdadeiro. Ele se deliciou com o calor do sol, perfume das flores, as águas frias do rio, pássaros voando, das pequenas e grandes

coisas que formam este mundo. Depois, lembrou-se dos colegas que haviam ficado naquele mundo sombrio. Pensou na ignorância deles e da sua própria antes de subir a este novo mundo. Voltou ao mundo de sombras e contou as maravilhas que havia visto. Quando terminou, certo de que todos iriam agradecer-lhe, recebeu em troca um grande silêncio. Uns e outros olhavam-no e olhavam entre si, trocavam risadas e diziam: “Coitado, voltou louco”. Está falando de um mundo que não existe. O único mundo que existe é esse que está perto de nós. Este é real. Podemos vê-lo, pega-lo, cheira-lo. Ele exala o perfume de nossas pedras e de nossa terra.

Adaptado do livro VII da República, de Platão.

Essa alegoria de Platão exemplifica sua teoria das idéias. Ele tentou fundir numa teoria o mundo dos sentidos, o mundo do sensível, com o mundo das idéias. Assim ele procura compreender e explicar o mundo. Podemos apreender o mundo sensível através dos nossos sentidos. Mas os sentidos não esgotam as possibilidades de conhecimento. Por exemplo: a matemática e a música trabalham com conceitos abstratos. As palavras que você está lendo agora são abstratas. São conceitos, são categorias que não se identificam com as coisas que elas nomeiam. Quando digo automóvel, você sabe do que estou falando. No entanto, não creio que exatamente a mesma imagem de automóvel venha à mente de cada um. Quando pensamos são essas categorias, esses conceitos que temos em nossa mente. Esse é um mundo diferente do mundo sensível que captamos pelos sentidos. Os filósofos chamam a esse mundo ‘o mundo inteligível’.

Platão buscou harmonizar, em sua teoria das idéias, esses dois mundos: o sensível e o inteligível. Antes dele, uns achavam que só se podia aprender através dos sentidos. Outros, que o conhecimento só era possível pela inteligência, pela razão. No mundo sensível tudo muda: a semente será árvore amanhã, hoje estou velho, ontem eu era jovem. Essas mudanças parecem impossibilitar o conhecimento. É difícil apreender o que está sempre mudando. Mas temos a necessidade de entender esse mundo. Para Platão, o mundo imutável é o mundo das idéias, dos conceitos, das categorias, ao qual podemos ter acesso. Para ele, aprendemos pela via da representação que é uma espécie de sombra ou reflexo da realidade, como acontece na caverna. A sombra de uma árvore não é a árvore em si. Quando deixamos de ver a sombra para ver a realidade, nosso conhecimento já é diferente. Está mais próximo da realidade.

Platão imagina outro plano do conhecimento ao qual podemos ter acesso e o denomina mundo inteligível. Este primeiro nível é o das categorias, dos conceitos. Isso é o que se chama de pensar conceitualmente. Platão colocava ainda a idéia de um Supremo Bem acima desse primeiro nível, a Idéia das Idéias, o que permitia dar realidade à própria realidade. Assim, vamos passando de um nível de conhecimento a outro, das sombras para o objeto; depois passamos ao inteligível, isto é passamos do objeto para a idéia do objeto, para o seu conceito, e depois chegamos à Idéia Suprema. Segundo Platão, não teria sentido ficarmos apenas na contemplação do mundo das idéias porque desejamos conhecer o mundo em que vivemos. Assim como houve um movimento de subida ao mundo do inteligível, há o movimento de descida ou retorno ao mundo sensível. Segundo ele, os dois mundos se integram porque as coisas concretas participam do mundo inteligível e por isso elas podem ser conhecidas, mesmo quando a mudança é uma de suas condições. Muitos séculos depois, Hegel retomou e sintetizou muito do que tinha dito Platão, cunhando a frase: “Todo real é racional”.

Além do mito

Com Aristóteles, o pensamento ocidental começou a banir o mito como forma privilegiada de explicar a realidade. A Filosofia surgiu como tentativa de compreender racionalmente o

cosmos. Deste esforço nasceram as ciências. Aristóteles criou o primeiro método de investigação científica ao qual se denominou posteriormente Lógica Silogística, ou formal. Investigou a psique humana, em sua obra traduzida com o título de Anima (HAMELIN, 1951), onde tratou da memória, sensação, sono e de outros temas associados à Psicologia. Graças a seu discípulo Alexandre Magno, Aristóteles recebeu uma das maiores verbas para pesquisa de que se tem notícia e foi formando um verdadeiro jardim zoológico. A partir daí, realizou a classificação das espécies vegetais e animais, que foi aceita por muitos anos como válida. Tratou da ética e aprofundou questões que, por sua localização no conjunto da obra aristotélica, seriam denominadas metafísicas.

O que um filósofo faz?

Para Nietzsche, o filósofo é um ser humano que constantemente vive, vê ouve, suspeita e sonha coisas extraordinárias. Já o autor do livro O Mundo de Sofia, Jostein Gaarder, nos diz que o ensino da Filosofia não precisa ser complexo, intrincado. Tem a ver com curiosidade, a mania de fazer perguntas, algo que perdemos na cultura ocidental, quando envelhecemos. Para Kierkegaard, “o objetivo imediato da Filosofia é traduzir os resultados da ciência em vida espiritual, em verdade para mim, que realize a idéia que tenho de mim e da minha existência no mundo, e assim, justifique minha vida agora, e em cada hora” (KIERKEGAARD, Ponto de vista explicativo de minha obra).

A Filosofia ocupa-se de questões como as seguintes: como podemos ter certeza de que o que estamos percebendo é de fato “verdadeiro”? O que é a verdade? Podemos ter absoluta certeza de alguma coisa? De que maneira isso é possível? É necessário ter certezas sobre as coisas?

Nas Filosofias clássicas, medievais e até Descartes, Hume, Locke e Kant, a mente humana era vista como “um espelho da natureza” (RORTY, 1980). Mas, a partir de Heidegger, Dewey e Wittgenstein, abandonou-se a noção do conhecimento como uma representação perfeita, matemática e ahistórica; caminhou-se para a superação do contraste grego entre contemplação e ação. A mente já não é vista como um espelho que pode ser polido a tal ponto que representaria uma imagem fiel do mundo. Por mais que se limpe este espelho, nunca teremos uma reprodução absolutamente objetiva da realidade.

As Filosofias antigas podem ser comparadas a fundações, alicerces e tijolos na construção de catedrais herméticas do saber. Ao contrário, os movimentos contemporâneos percebem a Filosofia como uma conversação, com portas e janelas entre as construções filosóficas e os problemas do mundo tecnológico.

6. O conhecimento heurístico

O que significa conhecimento heurístico? Como você conceituaria heurística? Quais são os passos do processo heurístico?

Nossa relação com o conhecimento encontra-se marcada pelo reducionismo racional. Assim, torna-se difícil abordá-lo em sua complexidade sistêmica. A sociedade ocidental tende a identificar conhecimento com ler, escrever e contar. A educação formal tende a separar corpo/mente, sensorial/racional, lógico/intuitivo e concreto/abstrato. Carl Rogers chega a dizer que não há lugar para pessoas inteiras no sistema educacional; só há lugar para seus intelectos. Entretanto, aprendizagem não se reduz ao racional. Aprender significa compreender múltiplas dimensões da realidade de forma ampla integrando vários níveis de conhecimento: sensorial, intuitivo, afetivo e racional. A racionalidade sufocou durante séculos a intuição, relegando-a a segundo plano. Mas a necessidade de resolver

problemas nos leva a apelar para a intuição, ultrapassando a racionalidade lógica, linear e seqüencial.

Há momentos em que algoritmos, silogismos e raciocínio analítico são insuficientes para a resolução de problemas. Isto ocorre quando as informações de que dispomos não bastam para a solução do mistério. Vale aqui evocar a distinção estabelecida por Gabriel Marcel entre problema e mistério. Nestes casos ocorre a atividade heurística (PUCKIN, 1984). Tal forma de solução de problemas foi utilizada desde o século 3 a.C. pelo matemático grego Pappus que a descreveu em seu livro O tesouro da análise, também traduzido como A arte de resolver problemas e posteriormente por Decartes, Leibnitz, Bolzano, Einstein, Poia, Puckin, Piaget e Brunner entre outros.

Em vez de oferecer a priori, uma definição e explicação do que seja heurística, vamos chegar a ela através da análise de alguns casos históricos. Depois disso, vamos tentar descobrir o que é heurística. Para isto será necessário responder à seguinte pergunta: **o que há de comum entre o modo de resolver problemas utilizado pelos cientistas, artistas, escritores ou inventores a seguir citados?**

. Arquimedes, após muita angústia, resolveu o caso da densidade da coroa do rei e ficou tão eufórico que saiu sem roupa de sua banheira gritando: - heureka, heureka, eu descobri!”.

. Isaac Newton, cuja história é amplamente divulgada ao descobrir a lei da gravidade universal.

. T. Alva Edison ao realizar suas mais de 2.000 invenções.

. Poincaré (1972) ao descobrir as funções de Fuchs cuja história ele descreveu acuradamente em Memórias sobre as funções de Fuchs e em A criação matemática (1905).

Poincaré punha-se diariamente à sua mesa de trabalho de uma a duas horas a examinar uma série quase infinita de combinações sem todavia chegar a nenhuma conclusão aceitável. Certa noite, contrariando seus hábitos, tomou uma xícara de café e perdeu o sono... As idéias atormentaram-no até que duas delas se juntaram formando uma combinação aceitável.

(PUCKIN, 1984, p. 9)

Um fato bastante similar ocorreu a Helmutz que o descreveu da seguinte forma:

Minha invenção do oftamolscópio foi o que fiz de mais popular. Entretanto, tive mais sorte do que mérito por esta invenção. (...) Helmutz, realizou uma invenção não dirigida, intuitiva. (...) Foi lendo um relatório de Bruke sobre a iluminação do olho que se impôs, de repente, ao espírito do ilustre fisiologista, a idéia de inventar o oftamolscópio.

(PUCKIN, 1984, p.10)

Bruke estava a um passo da invenção e não a fez. Por que ela ocorreu a Helmutz e não a Bruke?

. Também Reverdin (1933) passou por um processo idêntico quando, ao ler um artigo de Bilroth a respeito de ilhas de cicatrização, teve a idéia luminosa de imitar esse processo natural.

. Friedrich Kekulé, em 1865, tentava descobrir a estrutura do benzeno, e depois de muito estudo e reflexão, sentou-se diante da lareira e começou a perceber as fagulhas dançando à sua frente até que vislumbrou em uma iluminação repentina aquilo que tão ansiosamente procurava.

. Giuseppe Tartini (1692-1770), ao compor a “Sonata do diabo”, após um sonho com o mesmo tocando uma sonata divinal ao violino.

. V. Hilprecht Herman, ao estudar durante dias e noites o mistério dos fragmentos dos anéis babilônicos, até finalmente decifrar este mistério de três mil anos, e posteriormente viajar ao museu de Constantinopla para comprovar a veracidade de sua descoberta heurística.

. Otto Loewi, ao descobrir, através de um sonho, a transmissão química dos impulsos nervosos que lhe rendeu o prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina.

. Robert Louis Stevenson (1850 – 1894), ao encontrar a trama para o personagem de seu livro O médico e o monstro, e, posteriormente, passar a tirar proveito financeiro dos pesadelos que o atormentavam.

Após analisar vários casos inclusive os que aconteceram com cada um de nós em situações semelhantes, vamos tentar reduzir o processo heurístico a quatro etapas. A primeira etapa é aquela em que você se defronta com a situação, organiza seus conhecimentos, procura recordar-se de tudo o que sabe a respeito, consulta, analisa... é a etapa discursiva analítica. A segunda etapa ocorre nos casos em que você se conscientiza de que os conhecimentos disponíveis são insuficientes. E surge a angústia, o desespero...

Agora, após a análise destes casos históricos, eu proponho que você descubra quais seriam as demais etapas do método heurístico. Depois de vivenciar o processo heurístico teremos condições de analisar possíveis conceitos de heurística, como por exemplo o que se segue: a ciência que estuda as constantes da atividade do pensamento criador e compreende também a elaboração de métodos e modos de direção dos processos de descoberta (...). Um conjunto de técnicas destinadas a resolver o problema de solucionar problemas. Uma técnica inventiva de caráter metodológico combinando lógica com intuição (PUCKIN, 1984).

.....